

ORHAN PAMUK

Uma sensação estranha

Tradução

Luciano Vieira Machado



Copyright © 2015 by Orhan Pamuk

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Kafamda Bir Tuhaftı

A presente tradução foi feita com base na tradução inglesa *A Strangeness in My Mind*, de Ekin Oklap, e na tradução espanhola *Una sensación extraña*, de Pablo Moreno González

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

Old Bridge Galata ao meio-dia, 1954, Turquia.

Ana Güler/ Magnum Photos/ Fotoarena

Crédito das imagens

pp. 15 e 394, ilustrações do autor

p. 574, foto de Ana Güler

Preparação

Erika Nakahata

Índice de personagens

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pamuk, Orhan

Uma sensação estranha / Orhan Pamuk ; tradução Luciano Vieira Machado. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Kafamda Bir Tuhaftı

ISBN: 978-85-359-2869-3

1. Ficção turca 2. Istambul (Turquia) – Condições sociais – Ficção 3. Istambul (Turkey) – Vida social e costumes – Ficção
1. Título.

17-00838

CDD-894.35

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura turca 894.35

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Tenho pensamentos melancólicos...
uma sensação estranha,
Sinto como se eu não fosse para esta hora
nem para este lugar.*

William Wordsworth, *O prelúdio*

O primeiro homem que, tendo cercado um terreno, pensou em dizer “Isto aqui é meu” e encontrou gente ingênua o bastante para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil.

Jean-Jacques Rousseau,
Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens

O abismo que existe entre os pontos de vista públicos e privados de nossos compatriotas é uma prova do poder do Estado.

Celâl Salik, *Milliyet*

Sumário

<i>As famílias dos irmãos Hasan Aktaş e Mustafa Karataş, vendedores ambulantes de iogurte e de boza</i>	14
PARTE I — QUINTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1982	
<i>Mevlut e Rayiha</i>	19
<i>Fugir com uma garota é um troço complicado</i>	
PARTE II — QUARTA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 1994	
<i>Mevlut, todas as noites de inverno nos últimos vinte e cinco anos</i>	33
<i>Deixem em paz o vendedor de boza!</i>	
PARTE III — SETEMBRO DE 1968-JUNHO DE 1982	
1. <i>Mevlut na aldeia</i>	53
<i>Se este mundo pudesse falar, diria o quê?</i>	
2. <i>Lar</i>	62
<i>As colinas nos confins da cidade</i>	
3. <i>O indivíduo empreendedor que constrói uma casa num terreno baldio</i>	68
<i>Oh, meu rapaz, Istambul dá um pouco de medo, não?</i>	

4. Mevlut começa a trabalhar como vendedor ambulante	77
<i>Você não tem de se comportar como se fosse uma pessoa superior</i>	
5. Escola Secundária Masculina Atatürk	86
<i>Uma boa educação elimina as barreiras entre ricos e pobres</i>	
6. Ginásio e política	94
<i>Amanhã não tem aula</i>	
7. O Cine Elyazar	106
<i>Uma questão de vida ou morte</i>	
8. A altura da mesquita de Duttepe	114
<i>É verdade que mora gente lá?</i>	
9. Neriman	119
<i>O que faz uma cidade ser uma cidade</i>	
10. As consequências de colar cartazes comunistas em mesquitas	125
<i>Deus salve os turcos</i>	
11. A guerra entre Duttepe e Kültepe	136
<i>Nós não tomamos partido</i>	
12. Como casar com uma garota da aldeia	151
<i>Minha filha não está à venda</i>	
13. O bigode de Mevlut	158
<i>O dono de um terreno sem escritura</i>	
14. Mevlut se apaixona	167
<i>Só Deus poderia ter determinado aquele encontro casual</i>	
15. Mevlut sai de casa	175
<i>Se amanhã você a visse na rua, será que a reconheceria?</i>	
16. Como escrever uma carta de amor	185
<i>Seus olhos são como flechas enfeitiçadas</i>	
17. Temporada de Mevlut no Exército	192
<i>Você pensa que está em casa?</i>	
18. O golpe militar	202
<i>O cemitério do bairro industrial</i>	
19. Mevlut e Rayiha	209
<i>Fugir com uma garota é um troço complicado</i>	
 PARTE IV — JUNHO DE 1982-MARÇO DE 1994	
1. Mevlut e Rayiha se casam	221
<i>Só a morte poderá nos separar</i>	

2.	Mevlut vende sorvetes	230
	<i>Os dias mais felizes de sua vida</i>	
3.	O casamento de Mevlut e Rayiha	238
	<i>Só vendedores de iogurte desesperados se importam com boza</i>	
4.	Arroz com grão-de-bico	248
	<i>A comida meio suja é sempre mais saborosa</i>	
5.	Mevlut se torna pai	254
	<i>Não saia da caminhonete</i>	
6.	Samiha foge	259
	<i>Por causa disso haverá de correr sangue</i>	
7.	Uma segunda filha	268
	<i>Era como se sua vida estivesse sendo vivida por outra pessoa</i>	
8.	Capitalismo e tradição	272
	<i>A ditosa vida familiar de Mevlut</i>	
9.	O bairro de Ghaazi	285
	<i>Vamos nos esconder aqui</i>	
10.	Livrar-se da poeira da cidade	295
	<i>Meu Deus, de onde vem tanta sujeira?</i>	
11.	Garotas que se recusam a conhecer seus pretendentes	307
	<i>Estávamos apenas de passagem</i>	
12.	Em Tarlabası	319
	<i>O homem mais feliz do mundo</i>	
13.	Süleyman semeia a discórdia	329
	<i>Não foi isso que aconteceu?</i>	
14.	Mevlut encontra um outro ponto	341
	<i>Vou buscá-lo amanhã bem cedinho</i>	
15.	O Sagrado Guia	350
	<i>Fui vítima de uma grave injustiça</i>	
16.	O Café Binbom	361
	<i>Mostre quanto você vale</i>	
17.	A grande trapaça dos empregados do café	368
	<i>Fique fora disso</i>	
18.	Os últimos dias do Café Binbom	373
	<i>Vinte mil carneiros</i>	

PARTE V — MARÇO DE 1994-SETEMBRO DE 2002

1. A Loja de Boza dos Cunhados	383
<i>Fazendo a nação sentir-se orgulhosa</i>	
2. Na lojinha com duas mulheres	395
<i>Outros medidores de consumo e outras famílias</i>	
3. A paixão elétrica de Ferhat	403
<i>Vamos fugir daqui</i>	
4. Um filho é uma coisa sagrada	413
<i>Talvez você fosse mais feliz se eu morresse e você pudesse se casar com Samiha</i>	
5. Mevlut se torna guarda de estacionamento	425
<i>Culpa e espanto</i>	
6. Depois de Rayihá	430
<i>As pessoas não podem se indispor com quem está chorando</i>	
7. Uma história do consumo de eletricidade	437
<i>Süleyman se vê em apuros</i>	
8. Mevlut nos bairros mais distantes	446
<i>Os cães latem para os forasteiros</i>	
9. Arruinar um clube noturno	456
<i>É justo?</i>	
10. Mevlut na delegacia de polícia	466
<i>Passei toda a minha vida nessas ruas</i>	
11. O que nossos corações desejam e o que nossas palavras expressam	477
<i>Fatma continua seus estudos</i>	
12. Fevziye foge	491
<i>Quero que os dois me beijem a mão</i>	
13. Mevlut sozinho	501
<i>Vocês foram feitos um para o outro</i>	
14. Bairros novos, velhos conhecidos	509
<i>É igual a isto aqui?</i>	
15. Mevlut e Samiha	520
<i>Eu escrevi as cartas para você</i>	
16. Lar	525
<i>Estávamos fazendo as coisas com cuidado</i>	

PARTE VI — QUARTA-FEIRA, 15 DE ABRIL DE 2009	
O edifício de doze andares	533
<i>Você tem direito ao que foi conquistado na cidade</i>	
PARTE VII — QUINTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 2012	
A forma de uma cidade	553
<i>Só posso meditar caminhando</i>	
<i>Índice de personagens</i>	575
<i>Cronologia</i>	581

PARTE I

QUINTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1982

Não é costume casar a filha mais nova antes da mais velha.

İbrahim Şinasi, *Şair Evlenmesi* [O casamento de um poeta]

Não fica na boca a mentira que se há de contar, nem nas veias o sangue que hão de derramar, nem em casa a filha que há de escapar.

Provérbio de Beyşehir (da região de İmrenler)

Mevlut e Rayiha

Fugir com uma garota é um troço complicado

Esta é a história da vida e dos sonhos de Mevlut Karataş, vendedor de boza e de iogurte. Nascido em 1957 na fronteira ocidental da Ásia, numa aldeia pobre que dava para um lago enevoado da Anatólia Central, aos doze anos foi para Istambul, a capital do mundo, onde passou o resto da vida. Quando tinha vinte e cinco anos, voltou para a província natal e de lá fugiu com uma jovem, num estranho episódio que determinou o curso de seus dias. Voltou para Istambul, casou-se, teve duas filhas e se pôs a trabalhar sem descanso — vendeu iogurte, sorvete e arroz como ambulante, e exerceu o ofício de garçom. Mas à noite nunca deixou de perambular pelas ruas de Istambul, vendendo boza e sonhando sonhos estranhos.

Nosso herói Mevlut era bem-apessoado, alto, forte mas esbelto. Tinha um rosto pueril, cabelos castanho-claros, olhos vivazes e inteligentes, uma combinação que despertava sentimentos ternos nas mulheres. O espírito de menino, que Mevlut manteve mesmo depois dos quarenta, e o efeito que produzia nas mulheres eram dois de seus traços fundamentais, e será útil vez por outra lembrá-los aos leitores, para ajudar a explicar alguns aspectos da história. Quanto ao otimismo e à cordialidade, que alguns chamariam ingenuidade, não será preciso evocá-los, pois que evidentes. Se, como eu, meus leitores tivessem conhecido Mevlut, iriam entender por que as mulheres nele

admiravam a beleza de menino, e veriam que não exagero só para impressionar. Com efeito, aproveito a oportunidade para ressaltar que não há exagero em parte alguma deste livro, que é totalmente baseado numa história real; vou contar alguns acontecimentos insólitos que ocorreram, limitando-me a organizá-los de modo a permitir que meus leitores os acompanhem e os entendam com mais facilidade.

Assim, para melhor narrar a história e os sonhos do nosso protagonista, vou começar pelo meio, a partir do dia em que Mevlut fugiu com uma garota da aldeia de Gümüşdere (ligada ao distrito de Beyşehir, na província de Konya e vizinha da aldeia dele), em junho de 1982. A primeira vez que Mevlut viu a moça com quem mais tarde fugiria foi em 1978, no casamento de Korkut, o filho mais velho de seu tio, celebrado no bairro de Mecidiyeköy, em Istambul. Ele mal podia acreditar que aquela jovem, então com treze anos — ainda uma menina —, poderia corresponder a seus sentimentos. Ela era a irmã caçula da noiva de seu primo Korkut, e até então nunca havia pisado em Istambul. Depois disso, por três anos Mevlut lhe escreveu cartas de amor. A jovem nunca respondeu, mas Süleyman — o irmão caçula de Korkut —, que era o portador das cartas, enchia Mevlut de esperança e o estimulava a insistir.

Agora Süleyman ajudava de novo seu primo Mevlut, dessa vez a raptar a jovem. Ao volante de sua caminhonete Ford, Süleyman levou Mevlut à aldeia de sua infância. Os primos haviam bolado um plano de fuga para despistar as pessoas: Süleyman os esperaria num lugar que ficava a uma hora de Gümüşdere, e todos iriam imaginar que os dois pombinhos haviam fugido para Beyşehir. Süleyman, porém, os levaria para o norte, além das montanhas, e os deixaria na estação ferroviária de Akşehir.

Mevlut repassou o plano mentalmente inúmeras vezes e fez duas incursões secretas de reconhecimento a lugares importantes como a fonte fria, o riacho estreito, a colina coberta de matas e o quintal da casa da jovem. Meia hora antes do combinado, ele passou pelo cemitério da aldeia, que ficava no caminho, contemplou as lápides e rezou a Deus para que tudo desse certo. Embora relutasse em admitir, não confiava muito no primo. E se Süleyman não levasse a caminhonete até o local combinado, perto da fonte? Mevlut procurava não pensar muito nisso — aqueles temores em nada o ajudariam.

Mevlut vestia a calça social e a camisa azul que comprara numa loja de Beyoğlu na época em que ainda frequentava o ginásio e vendia iogurte com

o pai. Seus sapatos, da fábrica estatal Sümerbank, haviam sido adquiridos antes de ele fazer o serviço militar.

Ao anoitecer, Mevlut aproximou-se do muro caindo aos pedaços vizinho à casa branca de Abdurrahman Pescoço-Torto, o pai da jovem. Não se via luz na janela dos fundos. Ele estava dez minutos adiantado e ansiava por partir. Pensou nos velhos tempos em que os rapazes que tentavam fugir com uma moça se viam enredados em rixas sangrentas e terminavam abatidos a tiros, ou, ao fugir na calada da noite, se perdiam no caminho e eram apanhados. Pensou no quanto era embarracoso quando a moça mudava de ideia e resolia não fugir mais — e isso o deixou apreensivo. Falou consigo mesmo que Deus o protegeria.

Os cães se puseram a latir. A janela se iluminou por um instante, depois a luz se apagou. O coração de Mevlut disparou. Ele se dirigiu à casa, ouviu um rumor entre as árvores e então a voz da jovem, num sussurro:

“Mev-lut!”

Era uma voz cheia de amor, a voz de alguém que lera as cartas que ele enviara durante o serviço militar, uma voz confiante. Então o rapaz se lembrou das cartas, centenas delas, cada uma escrita com amor e desejo sinceros; lembrou-se de ter se dedicado inteiramente à conquista daquela bela jovem e das cenas de felicidade que imaginara. Agora, por fim, ele a ganhara. Mevlut não estava enxergando muito bem, mas naquela noite mágica ele se moveu como um sonâmbulo em direção ao som da voz da jovem.

Os dois se encontraram na escuridão, tomaram-se pelas mãos espontaneamente e começaram a correr. Mal deram dez passos e os cães voltaram a latir. Sobressaltado, Mevlut perdeu o rumo. Tentou se orientar pelo instinto, mas sua cabeça estava um caos. Na escuridão da noite, as árvores pareciam muralhas de concreto que surgiam e desapareciam, todas elas se confundindo, como num sonho.

Quando chegaram ao fim da trilha, Mevlut avançou para a colina, como combinado. A certa altura, a trilha estreita, serpenteando por entre as rochas colina acima, tornava-se tão íngreme que parecia terminar no céu nublado e negro como breu. Eles andaram de mãos dadas por cerca de meia hora, subindo sem descanso até atingir o cume. De lá avistaram as luzes de Gümüşdere e, bem mais além, a aldeia de Cennetpınar, onde Mevlut nasceu e cresceu. Mevlut escolhera um caminho sinuoso, em parte para evitar que

eventuais perseguidores os seguissem até sua aldeia, em parte por instinto, para frustrar qualquer esquema traiçoeiro de Süleyman.

Os cães continuavam latindo, furiosos. Mevlut se deu conta de que agora era um estranho em sua aldeia, nem os cães o reconheciam. Então ouviu um tiro vindo da direção de Gümişdere. Os dois pararam um instante e recomeçaram a andar no mesmo passo, mas quando os cães, que haviam silenciado por um momento, voltaram a latir, eles dispararam a correr colina abaixo. Folhas e galhos os arranhavam, urtigas grudavam em suas roupas. Mevlut não enxergava nada na escuridão e temia que a qualquer momento tropeçassem numa pedra e caíssem, mas não aconteceu nada disso. Os cães o aterrорizavam, mas ele sabia que Deus estava zelando por ele e por Rayiha e que os dois viveriam muito felizes em Istambul.

Chegaram ofegantes à estrada para Akşehir. Mevlut tinha certeza de que não haviam se atrasado. Agora só era preciso que Süleyman aparecesse com a caminhonete, e então ninguém poderia lhe tirar Rayiha. Todas as cartas de amor que escrevera começavam evocando o adorável rosto da jovem, seus olhos inesquecíveis. No cabeçalho, traçava seu belo nome, Rayiha, com extremo capricho e desesperado abandono. Agora, feliz ao pensar nesses sentimentos, ele apertava o passo.

No escuro, o rapaz mal podia ver o rosto da jovem com quem estava fugindo. Pensou que devia tomá-la nos braços e beijá-la, mas Rayiha o afastou delicadamente com a trouxa que estava carregando. Mevlut apreciou o gesto e decidiu que só depois do casamento encostaria naquela com quem passaria o resto da vida.

De mãos dadas, cruzaram a pequena ponte sobre o rio Sarp. A mão de Rayiha, aninhada na dele, era leve e delicada como um passarinho. Das águas murmurantes do arroio vinha uma brisa fresca que cheirava a louro e tomilho.

O céu noturno tingiu-se de um matiz arroxeados e eles então ouviram o som de um trovão. Mevlut temeu ser pego pela chuva antes da chegada do trem, mas não acelerou o passo.

Dez minutos depois eles avistaram os faróis traseiros da caminhonete de Süleyman ao lado da fonte gorgolejante. Mevlut se sentiu tomado de felicidade e com remorso por ter duvidado do primo. Começara a chover, e eles dispararam a correr alegremente, mas se sentiam exaustos e os faróis do veículo estavam mais longe do que tinham pensado. Quando o alcançaram, estavam encharcados.

Rayiha pegou sua trouxa e entrou na cabine de trás da caminhonete, mergulhada na escuridão. Mevlut e Süleyman tinham combinado assim, para o caso de ter corrido a notícia de que ela havia fugido e os policiais estivessem dando uma batida nas estradas. E também para garantir que Rayiha não reconhecesse Süleyman.

Quando os dois rapazes se sentaram na cabine, Mevlut voltou-se para seu cúmplice e disse: “Süleyman, enquanto eu viver, vou me sentir grato a você por isso, por sua amizade e lealdade!”. E abraçava o primo com toda a força.

Vendo que Süleyman não mostrava tanto entusiasmo, Mevlut se recriminou: o primo talvez se sentisse magoado por sua desconfiança.

“Você tem de jurar que não vai contar a ninguém que eu o ajudei”, disse Süleyman.

Mevlut juro.

“Ela não fechou direito a porta de trás da caminhonete”, disse Süleyman. Mevlut desceu na escuridão e foi até lá. Quando estava fechando a porta, houve um clarão de relâmpago e, por um instante, o céu, as montanhas, as pedras, as árvores, tudo a seu redor se acendeu como uma lembrança longínqua. Pela primeira vez Mevlut pôde ver direito o rosto da mulher com quem iria viver para sempre.

Ele haveria de lembrar a total estranheza daquele momento pelo resto da vida.

Quando o veículo se pôs em movimento, Süleyman tirou uma toalha do porta-luvas e a passou a Mevlut: “Enxugue-se”. Mevlut cheirou a toalha para se certificar de que não estava suja e através de uma abertura passou-a à jovem na cabine de trás da caminhonete.

Pouco depois, Süleyman lhe disse: “Você ainda está molhado e não tenho outra toalha”.

A chuva martelava o capô do veículo, os limpadores de para-brisa gemiam, mas Mevlut sabia que adentravam um lugar de silêncio absoluto. A floresta, parcamente iluminada pelos fracos faróis alaranjados da caminhonete, estava imersa em denso negror. Mevlut tinha ouvido dizer que lobos, chacais e ursos se reuniam aos espíritos do inferno depois da meia-noite; muitas vezes, à noite, nas ruas de Istambul, ele ficara frente a frente com as sombras de criaturas míticas e demônios. Aquela era a treva por onde vagavam demô-

nios com cauda e chifres, gigantes de pés descomunais e ciclopes com cornos em busca de todos os pecadores desesperados e daqueles que tinham perdido o rumo, para pegá-los e os levar para as profundezas do inferno.

“O gato comeu sua língua?”, brincou Süleyman.

Mevlut se deu conta de que aquele estranho silêncio em que estava mergulhando iria acompanhá-lo durante os anos vindouros.

Procurando descobrir como pudera ter caído naquela armadilha que a vida lhe preparara, Mevlut entregava-se a conjecturas. Foi porque os cães latiram e me perdi na escuridão, ele pensava. E mesmo sabendo que aquele raciocínio não fazia sentido, aferrava-se a ele, porque pelo menos lhe trazia algum consolo.

“Algum problema?”, disse Süleyman.

“Não.”

Quando a caminhonete reduzia a marcha para fazer curvas na estrada estreita e lamaçenta, e os faróis iluminavam as rochas, as árvores fantasmagóricas, as sombras indistintas e todas as coisas misteriosas a sua volta, Mevlut olhava todas essas maravilhas como um homem ciente de que, enquanto vivesse, nunca iria esquecer tudo aquilo. Eles seguiram pela pequena estrada, às vezes subindo uma colina num trajeto serpeante, depois descendo, atravessando sorrateiramente uma aldeia imersa na lama. Eram recebidos por cães que ladlavam furiosos toda vez que passavam por uma aldeia, e logo em seguida mergulhavam outra vez num silêncio tão profundo que Mevlut não sabia ao certo se a estranheza estava em sua mente ou no mundo. Na escuridão, ele vislumbrau sombras de pássaros míticos, via inscrições incompreensíveis e as ruínas dos exércitos do demônio que cruzaram aquelas terras remotas centenas de anos atrás. Via as sombras de pessoas que haviam sido transformadas em pedra por causa de seus pecados.

“Nada de arrependimento, certo?”, disse Süleyman. “Não há nada a temer. Duvido que estejam nos seguindo. Tenho certeza de que todos sabiam que a garota ia fugir, exceto talvez o pai de pescoço torto, e com ele vai ser fácil entrar num acordo. Você vai ver: dentro de um mês ou dois, todos irão visitá-los e antes do fim do verão vocês poderão retornar e receber a bênção de todo mundo. Só não diga a ninguém que eu o ajudei.”

Ao entrarem numa curva fechada num trecho íngreme da estrada, os pneus traseiros da caminhonete atolaram na lama. Por um instante, Mevlut

pensou que tudo estava acabado, que Rayiha iria retornar à sua aldeia e ele voltaria para Istambul, sem maiores problemas.

Mas então a caminhonete pôs-se em movimento.

Uma hora depois, uma ou duas casas solitárias e as ruas estreitas da cidadinha de Akşehir surgiram à luz dos faróis. A estação de trem ficava do outro lado da cidade, na periferia.

“Aconteça o que acontecer, não se separem”, disse Süleyman ao deixá-los na estação ferroviária de Akşehir. Ele olhou para trás e viu a jovem com sua trouxa esperando na escuridão. “Não posso sair, não quero que ela me reconheça. Eu lhes dei uma mãozinha, claro. Você deve fazer Rayiha feliz, Mevlut, entende? Agora ela é sua esposa, a sorte está lançada. Quando chegam a Istambul, procurem se manter fora de circulação por um tempinho.”

Mevlut e Rayiha ficaram olhando Süleyman se afastar até que não viram mais a luz vermelha dos faróis traseiros da caminhonete. Entraram na velha estação de trem sem se darem as mãos.

Dentro da estação profusamente iluminada, resplandecendo sob as luzes fluorescentes, Mevlut tornou a olhar o rosto da jovem com quem tinha fugido, dessa vez perto o bastante para confirmar o que vira de relance, sem chegar a acreditar, ao fechar a porta de trás da caminhonete. Ele desviou o olhar.

Aquela não era a jovem que ele conhecera em Istambul, no casamento de Korkut, o filho mais velho de seu tio. Era sua irmã mais velha. Eles tinham lhe mostrado a irmã bonita, depois lhe deram a irmã feia. Mevlut percebeu que fora enganado, ficou envergonhado e nem conseguia olhar para a moça cujo nome podia muito bem não ser Rayiha.

Quem o trapaceara daquela forma, e como? Andando em direção à bilheteria na estação ferroviária, ele ouviu os ecos longínquos de seus próprios passos, como se fossem de outra pessoa. Pelo resto da vida, as velhas estações ferroviárias lembrariam a Mevlut aquele momento.

Atordoado, comprou duas passagens para Istambul.

O homem da bilheteria havia dito: “O trem vai chegar logo”, mas não se via nem sinal de trem. Os dois sentaram na ponta de um banco numa minúscula sala de espera atulhada de cestos, pacotes, malas, passageiros cansados, e não trocaram palavra.

Mevlut lembrou-se de que Rayiha tinha uma irmã mais velha — ou

melhor, a linda garota que ele pensava ser Rayiha, porque a Rayiha verdadeira devia ser esta. Era com esse nome que Süleyman se referia a ela. Mevlut enviara cartas a Rayiha, mas tendo em mente outra pessoa, outro rosto. Ele nem ao menos sabia o nome da irmã cujo semblante sempre evocava. Não compreendia como fora enganado, não tinha lembrança de como chegara àquele momento, portanto a sensação estranha tornou-se parte da armadilha em que ele caíra.

Enquanto estavam sentados no banco, ele só olhou para a mão de Rayiha. Aquela era a mão que ele segurara amorosamente havia pouco; como ele escrevera em suas cartas de amor, era aquela mão que ele ansiara por segurar, aquela mão bem formada e bonita. Ela descansava serena no regaço, e de vez em quando alisava cuidadosamente as dobras da saia e do tecido que envolvia seus pertences.

Mevlut se levantou e foi até o café da estação. Quando voltava para junto de Rayiha com dois pãezinhos amanhecidos, tornou a observar, de longe, sua cabeça e seu rosto cobertos. Aquela com certeza não era a jovem que vira no casamento de Korkut, casamento a que ele comparecera, embora seu pai lhe tivesse dito para não ir. Mais uma vez, Mevlut se certificou de que nunca vira aquela jovem, a verdadeira Rayiha. Como chegaram àquela situação? Será que Rayiha percebera que na verdade as cartas eram dirigidas à irmã?

“Quer um pãozinho?”

Rayiha estendeu a mão delicada e o pegou. Em seu rosto, Mevlut viu gratidão — não a excitação de amantes em fuga.

Tendo Mevlut a seu lado, Rayiha se pôs a comer o pãozinho como se estivesse cometendo um crime. Ele comeu o outro pão amanhecido, não por gosto, mas por desfastio.

Os dois ficaram calados. Mevlut se sentia como um menino esperando a aula terminar, pensando que o tempo não passava nunca. Sua mente divagava, tentando descobrir que erro cometera para se encontrar naquela situação.

Seus pensamentos sempre voltavam ao casamento em que pela primeira vez vira a bela irmã a quem havia escrito todas aquelas cartas; ao pai, Mustafa Efendi — agora falecido —, dizendo-lhe que não fosse; e à partida sorrateira da aldeia, com destino a Istambul, apesar do que lhe dissera o pai. Será que aquele ato teria mesmo causado tudo aquilo? Como os faróis da caminhonete que os levara à estação, seus pensamentos vagavam por uma paisagem som-

bria, as tristes lembranças e sombras de seus vinte e cinco anos, tentando lançar alguma luz sobre a situação atual.

O trem não chegava. Mevlut se levantou para ir de novo ao café, mas o café já tinha fechado. Dois carros de aluguel puxados por cavalos esperavam os passageiros para conduzi-los ao centro da cidade. Um dos cocheiros fumava um cigarro em meio ao silêncio absoluto. Mevlut andou em direção a um velho plátano próximo dali.

À fraca luz da estação ele conseguiu ler a tabuleta a meia altura da árvore.

O FUNDADOR DE NOSSA REPÚBLICA,
MUSTAFA KEMAL ATATÜRK,
TOMOU CAFÉ À SOMBRA DESTE VELHO
PLÁTANO QUANDO VISITOU AKŞEHİR NO
ANO DE 1922

Mevlut se lembrava de Akşehir de suas aulas de história na escola, aquela aldeia tivera um importante papel na trajetória da Turquia, mas agora não conseguia se lembrar de nada, e se recriminou. Ele não tinha se aplicado o bastante para ser o bom aluno que seus professores desejariam. Talvez aquele fosse seu maior defeito. Mas, pensou com otimismo, tinha apenas vinte e cinco anos, havia muito tempo para se instruir.

Quando voltava para o banco, olhou para Rayiha mais uma vez. Não, ele não conseguia se lembrar de modo algum de tê-la visto no casamento, quatro anos antes.

O trem enferrujado de Istambul entrou rugindo na estação com quatro horas de atraso, e eles conseguiram encontrar um vagão vazio. Não havia ninguém na cabine deles, mas ainda assim Mevlut se sentou ao lado de Rayiha, e não de frente para ela. Toda vez que passavam sobre uma chave de desvio ou por um trecho avariado da ferrovia, o trem balançava e o braço e o ombro de Mevlut roçavam os de Rayiha. Mesmo isso parecia estranho a Mevlut.

Ele foi ao banheiro e ouviu o clic-clac que vinha do buraco no piso, igualzinho ao barulho que costumava ouvir durante a infância. Quando voltou ao banco, a jovem tinha adormecido. Como podia dormir tão serena na noite em que fugira de casa? “Rayiha! Rayiha!”, ele sussurrou ao seu ouvido. A jovem acordou tão naturalmente como alguém cujo nome fosse de fato

Rayiha e lhe deu um sorriso doce. Mevlut sentou-se junto dela sem dizer palavra.

Eles não conversavam enquanto olhavam pela janela do trem, pareciam um casal que estivesse casado havia muitos anos e não tivesse nada a dizer um ao outro. De vez em quando viam a luz de postes de uma pequena aldeia, os faróis traseiros de um carro ou as luzes vermelhas e verdes dos semáforos da ferrovia, mas na maior parte do tempo o mundo lá fora era escuro feito breu, e eles só enxergavam as próprias imagens refletidas na janela.

Duas horas depois, ao amanhecer, Mevlut viu lágrimas nos olhos de Rayiha. A cabine ainda estava vazia e o trem avançava ruidosamente pela paisagem de tons arroxeados, com penhascos em toda parte.

“Você quer voltar para casa?”, Mevlut lhe perguntou. “Mudou de ideia?”

Ela se pôs a chorar ainda mais alto. Meio sem jeito, Mevlut pôs o braço nos ombros dela, mas como a posição era muito desconfortável, ele o retirou. Rayiha chorou por muito tempo. Mevlut sentia culpa e remorso.

“Você não me ama”, ela disse, finalmente.

“Por que você diz isso?”

“Suas cartas eram tão carinhosas, mas você me enganou. Foi você mesmo quem as escreveu?”

“Eu escrevi todas elas”, disse Mevlut.

Rayiha continuou a chorar.

Uma hora depois, quando o trem parou na estação de Afyonkarahisar, Mevlut saltou do vagão e trouxe pão, dois triângulos de queijo cremoso e um pacote de biscoitos. Eles compraram chá de um menino que percorria os vagões com uma bandeja e fizeram o desjejum enquanto o trem avançava ao longo do rio Aksu. Mevlut ficou contente ao observar Rayiha olhando, pela janela da cabine, as cidades pelas quais passavam, os choupos, os tratores, as carroças puxadas por cavalos, a criançada jogando futebol e os rios correndo sob pontes de aço. Tudo era interessante, o mundo inteiro era novo.

Entre as estações de Alayurt e Uluköy, Rayiha adormeceu com a cabeça no ombro de Mevlut. Ele não pôde negar que aquilo o alegrou e lhe trouxe um sentimento de responsabilidade. Dois policiais e um velho se acomodaram na cabine deles. Mevlut olhou os postes, os caminhões nas estradas asfaltadas, as novas pontes de concreto, vendo nelas indícios de que o país estava crescendo e se desenvolvendo. Não aprovou os slogans políticos rabiscados em muros de fábricas e nas cercanias de bairros pobres.

Mevlut adormeceu, surpreso por conciliar o sono.

Os dois acordaram ao mesmo tempo quando o trem parou em Eskişehir, e por um instante se apavoraram, pensando terem sido flagrados por policiais, mas então relaxaram e trocaram um sorriso.

Rayiha tinha um sorriso muito natural, era difícil acreditar que podia estar escondendo alguma coisa ou que estivesse envolvida em alguma trama escusa. Tinha um rosto franco, honesto, luminoso. Embora convencido de que ela havia sido cúmplice das pessoas que o enganaram, quando Mevlut olhava seu rosto, nele só via inocência.

À medida que o trem se aproximava de Istambul, eles se puseram a conversar sobre as enormes fábricas pelas quais passavam ao longo da ferrovia, sobre as chamas que saíam das altas chaminés da refinaria de petróleo de Izmit, e se perguntaram para que canto do mundo partiriam aqueles imensos navios cargueiros. Tal qual suas irmãs, Rayiha frequentara a escola primária e sabia recitar, sem muita dificuldade, os nomes dos países distantes de além-mar. Mevlut sentiu orgulho dela.

Rayiha estivera em Istambul quatro anos atrás, por ocasião do casamento da irmã mais velha, mas ainda assim ela perguntou, humilde: “Chegamos a Istambul?”.

“Acho que Kartal já pode ser considerada Istambul”, disse Mevlut, com a segurança de quem conhece bem o assunto. “Mas ainda tem chão pela frente”, acrescentou, apontando para as ilhas dos Príncipes mais adiante, e prometeu levá-la até lá algum dia.

Mas nunca chegariam a fazê-lo no decurso da breve vida de Rayiha.